

LEMBRANÇAS PERFUMADAS

Sandra P. Aldrich e Bobbie Valentine

Enquanto Cotha Prior passava pela loja nova que vendia cosméticos e sabonetes, as barras de lavanda perfumadas 2 expostas na vitrine chamaram sua atenção. Sua filha Mônica iria gostar delas. Uma vez lá dentro, Cotha pegou a barra mais próxima e a levou ao nariz. O perfume a fez regressar à infância.

Lembrou-se de Margie, a menininha em sua classe da quinta seria que estava sempre mal vestida e cujos hábitos de higiene não eram, para falar a verdade, um de seus costumes regulares. Mesmo tão criança, Cotha sabia como a opinião de suas amigas era importante. Embora sentisse pena de Margie, não podia arriscar-se a fazer amizade com ela.

Certa tarde, então, enquanto a menina Cotha coloria um mapa em sua folha de tarefa de casa, ela mencionou casualmente Margie à mãe, que parou no meio do preparo do assado e perguntou,

– Como é a família dela? Cotha não levantou os olhos.

– Oh, bem pobre, acho eu, –foi sua resposta.

– Parece então que ela precisa de uma amiga, – disse a sra. Burnett.

– Por que não a convida para passar a noite de sexta-feira aqui em casa? Cotha encarou a mãe dessa vez,

– Aqui? Passar a noite comigo? Mas, mamãe, ela cheira mal.

– Cotha Helen, – o fato da mãe usar seus dois nomes significava que a situação estava decidida. Não havia nada a fazer senão convidar Margie. Na manhã seguinte, Cotha sussurrou hesitante o convite no final do recreio, enquanto as amigas estavam pendurando os casacos e penteando o cabelo. Margie pareceu indecisa e Cotha acrescentou, – Minha mãe disse que está bem e mandou este bilhete para sua mãe.

Dois dias mais tarde, as duas pegaram o ônibus que as levaria até em casa, enquanto Cotha tentava evitar os olhares de surpresa no rosto das amigas ao vê-las juntas. – Será que duas meninas da quinta série já ficaram mais caladas do que nós? – Cotha pensou em outras ocasiões em que fora convidada para passar a noite com uma amiga. Elas conversavam e riam o tempo todo até o ponto em que deviam descer.

Cotha tomou finalmente a iniciativa e disse a Margie, – Tenho uma gata. Ela vai ter gatinhos.

Os olhos de Margie brilharam. – Gosto tanto de gatos. – Depois, franziu a testa como se lembrando de uma memória penosa, e acrescentou, – O meu pai não gosta.

Cotha não sabia mais o que dizer e, portanto, fingiu interesse em alguma coisa fora das janelas do ônibus escolar.

As duas meninas ficaram em silêncio até que o ônibus parou em frente da casa branca com venezianas verdes.

A sra. Burnett estava na cozinha. Ela cumprimentou Cotha e Margie com afeto e depois mostrou a mesa posta com dois copos de leite e pão de banana. – Por que vocês duas não tomam um lanchinho enquanto termino o jantar? – perguntou.

– Quando acabou o pão de banana, a sra. Burnett entregou a cada criança bonecas de papel e tesouras sem ponta. Vestir as mulheres de papel em vestidos brilhantes deu a elas algo em comum para conversar. Na hora em que lavaram as mãos para jantar, as duas já conversavam entusiasmadas sobre a escola.

Depois de arrumar a cozinha, a sra. Burnett disse, – Está na hora de tomar banho antes de dormir, meninas. – Ela ofereceu então sabonetes embrulhados em papel com perfume de lavanda. – Desde que esta é uma noite especial, pensei que vocês gostariam de usar sabonetes chiques, – disse ela. – Cotha, entre primeiro e lavo suas costas para. você.

Em seguida foi a vez de Margie. Caso tenha ficado nervosa por ter uma pessoa adulta ajudando-a a tomar banho, ela não demonstrou. Enquanto a banheira enchia, a sra. Burnett derramou uma porção dupla de seu sal de banho borbulhante. – Você não gosta de banho de espuma, Margie? – indagou, como se a menina tomasse banhos assim luxuosos todos os dias.

Ela virou-se para tirar o vestido sujo de Margie e depois disse, –Vou olhar para o outro lado enquanto você tira o resto, mas tenha cuidado ao entrar na banheira. Essa marca de banho espumante faz com que ela fique escorregadia.

Uma vez que Margie entrou na água quente. A sra. Burnett se ajoelhou e passou bastante sabão na esponja de lavar antes de esfregar as costas da menina. – Oh, como isso é bom, – foi tudo que Margie disse. A sra. Burnett comentou como Cotha e Margie estavam crescendo rápido e que jovencinhas lindas elas já eram. Ela ensaboou várias vezes a esponja e esfregou a pele cor de cinza de Margie até ficar rosada.

Enquanto tudo isso acontecia, Cotha estava pensando, – Oh, como ela pode fazer isso? Margie é tão suja. – Mas, a sra. Burnett continuou a esfregar alegremente e depois lavou várias vezes o cabelo de Margie. Uma vez que ela saiu do banho, a sra. Burnett secou suas costas e passou talco perfumado em seus ombros estreitos. A seguir, como Margie não levara roupa de dormir, a sra. Burnett pegou uma das camisolas limpas de Cotha e enfiou pela cabeça agora lustrosa de Margie.

Após colocar as duas garotinhas na cama, a sra. Burnett inclinou-se para dar-lhes um beijo carinhoso de boa noite. Margie ficou feliz. Quando a sra. Burnett sussurrou, – Boa noite, meninas e apagou a luz, Margie puxou as cobertas cheirosas até o nariz e respirou profundamente. Depois adormeceu quase na mesma hora.

Cotha ficou espantada com o fato de a nova amiga ter dormido tão rapidamente; ela estava acostumada a conversar e rir até tarde com as outras amigas. Ao som da respiração leve de Margie, Cotha ficou olhando as sombras na parede, pensando sobre tudo que a mãe fizera.

Durante o banho de Margie, a mãe de Cotha não disse nada para embarçar a menina e nem sequer comentou como a banheira ficara suja depois dela sair do banho. Apenas esfregou, cantarolando o tempo todo. De algum modo, Cotha soube que a mãe tinha lavado mais do que a pele encardida da menina.

Anos mais tarde, Cotha já adulta, se achava na loja de cosméticos, com o sabão perfumado ainda nas mãos, pensando onde Margie estaria agora. Margie jamais mencionara os cuidados da mãe de Cotha, mas esta

notara uma diferença na garota. Margie não só começara a ir à escola limpa e apresentável por fora, como também mostrava uma centelha interior, resultado talvez de saber que alguém se importava. Durante o resto do ano escolar, Cotha e Margie brincaram no recreio e almoçaram juntas. Quando a família de Margie mudou-se no final do ano, Cotha nunca mais teve notícias dela, mas sabia que ambas haviam sido influenciadas pelo comportamento de sua mãe.

Cotha sorriu, depois pegou outra barra do sabonete de lavanda. Enviaria a mesma para a mãe, com uma carta dizendo que lembrava do que ela fizera há tantos anos – não só por Margie, mas também por Cotha.